

Ilcéa Sônia Maria de Andrade Borba Marquez
Gêmeos: semelhança revelada

O presente artigo pretende abordar algumas questões sobre a singularidade da experiência do nascimento gemelar no que se refere às primeiras experiências pós-natais, à aquisição de identidade própria, aos relacionamentos intrafamiliares bem como o social; a partir do texto autobiográfico escrito e publicado pelas gêmeas Aní e Iná Bittencourt.

> Palavras-chave: Gêmeos, duplos, subjetivação, relacionamentos

The present article discusses questions on the unique experience of the birth of twins, specifically with reference to post-birth experiences, the acquisition of self-identity, the family environment and social relationships. The article is based on the autobiographic text written and published by the twins Aní and Iná Bittencourt.

> *Key words: Twins, pairs, subjectivation, relationships*

Os gêmeos sempre despertaram interesses. Encontramos referências a eles até mesmo na Bíblia: em Gênese, as histórias de Jacob e Esaú, filhos de Isaac e Rebeca e de Parets e Zaraj, filhos de Judá e Tamar. Podemos lembrar também das figuras históricas de Rômulo e Remo, Cosme e Damião; ou figuras literárias como Os irmãos Corsos do famoso escritor francês Alexandre Dumas e outros. Parece que esta atração se deve à estranha questão do duplo e idêntico, externalizada por eles em evidente oposição ao único e individual; e materialização inquestionável de uma imagem de si mesmo que o homem

constrói ao longo do seu desenvolvimento infantil. Os gêmeos nos remetem às imagens especulares, às sombras, aos espíritos, e à idéia de alma. Quanto a mim, desde o convite feito pelas gêmeas: Aní e Iná para que participasse do livro *Gêmeos, semelhança oculta* (Bittencourt & Bittencourt, 1999) fiquei capturada pela questão da gêmealidade e suas conseqüências sobre o EU: fator facilitador ou obstáculo ao percurso individual rumo à assunção identificatória em suas ressonâncias internas e sociais. O livro tal como concebido: uma pesquisa histórica/cultural acrescida de depoimentos pessoais

de pares gêmeares culminando com o texto das autoras que nos revela momentos biográficos e suas respectivas interpretações; serviu de roteiro para uma série de reflexões e perguntas nascidas da leitura e da escuta de seus discursos.

Aos poucos fui conseguindo indicações bibliográficas cuja leitura me proporcionou descobertas interessantes como, por exemplo, o texto de Nicole Belmont "Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité".

Já na apresentação do livro um trecho revelador sobre as forças internas que levaram Aní e Iná tornar pública sua(s) história(s), vejamos:

Durante toda nossa vida, nos amamos e nos odiamos com tanta intensidade, que não podemos viver muito juntas nem mesmo separadas. Como estrelas gêmeas, estamos presas no campo gravitacional, fadadas a girar em torno uma da outra para sempre.

Assim sendo, criamos jogos, artifícios e regras para manter este equilíbrio. Esta é a nossa verdadeira história: uma ligação misteriosa na qual os extremos do bem e do mal levam, às vezes, à possessão de uma sobre a outra. É uma guerra silenciosa que nenhuma de nós pode ganhar: a luta pela individualidade, o direito inato pelo qual Tchang "matou" Eng, Jacob enganou Esaú, a luta pelo poder em que Rômulo matou Remo. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, Orelha da capa)

Mesmo sabendo que "ser semelhante não é ser igual", Aní e Iná encarnaram "a vida misteriosa dos gêmeos idênticos"; sofreram os impasses obstrutores à individualização, viveram os prazeres da presença constante de uma e de outra em suas vidas; temeram a ameaça de separação presentificada pela aproximação do terceiro; superaram os limi-

tes; completaram-se neles; "gozaram" na experiência de completude que a situação gemelar (dois que é um) proporciona. Destas vivências nasceu o desejo de expor, tornar público, assumir tanto o revelado quanto o oculto de suas mais íntimas experiências, legando-nos um texto autêntico e natural que nos possibilita aproximações compreensivas sobre a realidade intrapsíquica destas gêmeas.

A leitura do livro *Gêmeos, semelhança oculta* impressiona primeiramente pela mensagem de fusão dos autores que ele veicula, pois no texto a utilização da primeira pessoa do plural é a mais freqüente, e quando a alusão é a uma irmã ou a outra ficamos sem saber qual delas, já que o nome próprio de cada uma foi totalmente abolido do texto, como muito bem percebeu Mário Salvador (Presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro) na recepção de lançamento.

Assim que começamos a andar, um fato curioso intrigou nossa mãe. Uma de nós ficou em pé em primeiro lugar, enquanto a outra permaneceu sentada, observando a irmãzinha assumindo pela primeira vez a postura fundamental; de repente, a que estava de pé estendeu o braço para que a outra nele se apoiasse e levantasse, o que ocorreu a seguir... (Ibid., p. 83)

Desde meu primeiro contato com a obra fiquei com algumas questões em busca de respostas esclarecedoras:

Quais as conseqüências de estar, desde o momento da gestação, com este "outro-si-mesmo"; quais as conseqüências de dividir os sonhos parentais no processo de concepção destes novos seres uma vez que compartilho da crença na importância dos sonhos parentais como precursores do EU primitivo; quais as conseqüências de viver

na intimidade do idêntico e ter que se constituir e se reconhecer como outro exterior e diferente; como conseguir um lugar próprio no desejo dos pais, na família e depois no social, apesar dos falsos reconhecimentos e das confusões de todos, incapazes de uma diferenciação estável?

Esta relação prematura e permanente com o idêntico influencia as ulteriores relações? Em que medida? Como entrave dos contatos sociais?

Até que ponto o real está presente na subjetivação?

Se acreditamos na importância dos sentimentos vividos pela mãe durante a gravidez, os gêmeos receberão a mesma impressão?

Por mais que alguns gêmeos univitelinos se rejeitem, por muito que não aceitem essa condição, hão de a carregar para sempre e não poderão fugir ao enigma de terem se originado de um único óvulo, num mesmo momento, com o sexo obrigatoriamente idêntico, iguais os grupos sanguíneos, as proteínas, as enzimas, as características físicas, as tendências patológicas, por vezes vivenciando as mesmas emoções de uma "única mãe". (Ibid., p. 31)

Desde o início, ainda no útero materno, a gestação gemelar apresenta uma especificidade própria: são dois fetos dividindo o mesmo espaço uterino, são dois bebês dividindo, ao mesmo tempo, o espaço psíquico de seus pais. Alessandra Piontelli (1993): "Recherche sur les jumeaux avant et après la naissance" apresenta-nos sua pesquisa com gêmeos. Ela acompanhou gestações gemelares, através de sessões de ecografia, durante mais ou menos uma hora desde a décima oitava semana da gravidez, mensalmente, até o nascimento. Desta forma, cada grávida foi

submetida a cinco observações sob ecografia. Estas observações não incluíram nenhum tipo de estimulação. Após o nascimento fez-se observações semanais destes mesmos bebês em suas casas. No decorrer da pesquisa observou-se reações individuais diversas dos fetos, no útero materno, em relação à presença do co-feto. Alguns não apresentam nenhuma reação aos pontapés ou cutucadas fortes dados pelo outro; outros parecem perceber o contato e fogem; outros ainda procuram repetir o contato. Como conclusão do seu trabalho ela nos diz que:

... desde a situação fetal os gêmeos se dão conta da presença do outro e reagem de diferentes maneiras a ela. Uns tentam um afastamento solitário, outros buscam a proximidade; alguns se acariciam mutuamente dentro do útero materno, outros se repelem e rejeitam. (p. 92)

Da mesma forma as experiências, altamente significativas do processo evolutivo pós-natal, também serão vividas a dois, pois o gêmeo nunca está só, ele vive constantemente, desde a gestação, com este "outro si mesmo". Segundo Sourzat (1993) a situação gemelar leva a um "fracasso à introjeção do duplo maternal suplantado pela presença do duplo gemelar" (p. 43). A figura materna pode ser substituída pelo irmão, e este, e não aquela, forma com ele o todo completo onde nada falta. Para Rank (1932), a crença numa alma imortal ou renascimento eterno cria um princípio independente da mãe ou do nascimento carnal ao qual denominou "princípio autocriador" (p. 95); e ainda na página 102 Rank, ao explicar o sentimento de serem sós contra o mundo inteiro expressado pelos gêmeos, eles "provam que na realidade eles não têm família, eles são re-

duzidos a eles mesmos e é disto que vem sua força". Braier (2000) ao comentar sobre o deslocamento da mãe fálica ao irmão – objeto de contigüidade – nos fala que "... até aqui o gêmeo seria para cada irmão o próprio eu (eu ideal) e substituiria a mãe ideal da díade pré-edípica e, portanto, provida de falo com o qual um e outro desejam fusionar-se (identificação primária)" (p. 162). O gêmeo seria para cada um o eu-ideal e substituiria a mãe ideal nas suas características de poder e unicidade. Podemos supor uma certa independência em relação às presenças/ausências da mãe, facilmente substituída pelo irmão gêmeo. O outro, do par gemelar, está lá, constantemente, interagindo um com o outro. Para Sourzat (1993) "quando, após o período de saciedade, se manifesta uma nova necessidade, é sempre ao outro que ele dirigirá seu pedido, cuja presença substituirá, pelo menos em parte, a satisfação" (p. 44).

"Não raro, parecíamos tão imersas em nossa própria vida secreta, que era como se habitássemos um mundo que nos fosse exclusivo" (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 76).

"... acabamos por criar uma linguagem secreta, um código particular, o que, aliás, é comum na relação entre gêmeos" (ibid., p. 77). A utilização de "vida secreta", ou ainda "linguagem secreta" na citação acima nos faz perceber esta experiência gemelar como algo vivido somente a dois no segredo de uma relação que não supõe um terceiro. Se no início da vida psíquica a mãe é representada introjetivamente como "duplo" o "outro-si-mesmo"; a situação gemelar dificulta este processo já que o irmão é o "outro-si-mesmo", é o "duplo". A questão do duplo se co-

loca para eles com maior acuidade, pela sua característica de realidade, drama e sofrimento, e talvez não se resolva jamais.

Ainda no hospital, nossa mãe percebeu que o seu leite não seria suficiente para nós duas; por isso, arrumou uma "ama-de-leite" que todos os dias nos dava de mamar, uma mulher negra e forte que também, pela mesma época, acabara de ter um filho. (Ibid., p. 79)

Dentre os desafios que a experiência gemelar proporciona podemos imaginar as sensações que os bebês gêmeos vivem durante o processo de alimentação. Sourzat (1993) reconhece, no momento mesmo da alimentação, uma experiência singular de clivagem, para os gêmeos.

A violência do desejo de ser alimentado se chocará, neste caso, com a espera da mãe, mas também com a espera que o outro-si-mesmo seja alimentado para então receber a alimentação por sua vez, situação onde o outro se torna um rival odiado. A mãe tornando-se o complemento do outro, tomando o lugar ocupado habitualmente pelo gêmeo, agora na espera e sentindo-se rejeitado, na solidão. (p. 44)

Para ela é neste momento que nasce a rivalidade e o ódio: "... ódio reativo à perda de um lugar passional assegurador, imaginário, de um poder narcísico".

Ao nascermos puseram-nos a pulseirinha com o nome no braço de cada uma, a fim de que pudéssemos ser identificadas, tal era a nossa semelhança. Se uma chorava, a outra chorava, quando uma acordava, a outra fazia o mesmo: pequenas manifestações simbólicas do que seríamos vida afora. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 79)

Ser gêmeo é viver uma certeza exterior contra o desaparecimento de si que se opõe à

estruturação do indivíduo. Freud no artigo "O Estranho" (1919) cita o trabalho de Otto Rank sobre o duplo salientando sua penetração nas ligações que o "duplo" tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte... Para Freud

... originalmente, o "duplo" era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte, e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital. O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o "duplo" inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. (p. 293)

Às vezes, passávamos um dia, por assim dizer, trocando de papéis e com frequência nos deparamos a nós mesmas um tanto confusas, sem consciência clara de nossas personalidades, agindo cada qual como a outra agia. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 95)

Freud esclarece ainda no artigo "O estranho":

... o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu, ou substitui o seu próprio eu por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu. (p. 293)

Nossa vida nunca foi normal. Devido à nossa semelhança, as pessoas, quase inconsciente-

mente, acabavam por nos transformar, por assim dizer, numa única pessoa. Isso deixou em nós marcas profundas: éramos iguais, sim, mas em nós palpitavam personalidades distintas. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 82)

Apesar da opinião de vários autores como, por exemplo, Arlette Bernos, "A propos du fantasme de gémellité: le jumeau mort" (1993): "... a experiência analítica nos ensinou, há muito tempo, que não é necessário haver um gêmeo real para tê-lo fantasmaticamente" (p. 63); ou ainda Nicole Belmont "Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité" (1992): "... o tema da criança-placenta leva a pensar que todo nascimento é gemelar e que nós somos acompanhados ao nascer de um companheiro prometido à morte, ou se preferirmos a um outro tipo de vida, a do além-mítico ou do imaginário" (p. 185); como também Jean-Paul Valabrega "Le motif du jumeau: identité-altérité" (1992), "Os gêmeos, a gemealidade, o duplo, fazem parte dos temas que encontramos de maneira quase universal tanto nos fantasmas individuais quanto nos mitos" (p. 181). Permaneço com a questão citada: até que ponto o real está presente no processo de subjetivação? Para um irmão/gêmeo imaginário existe um desmentido no real; a concordância do real e do imaginário não faz nenhuma diferença?

Freud, no "Projeto para uma psicologia científica" (1895, p. 438), faz referência ao complexo do semelhante: primeiro objeto que é similar ao sujeito e que tem com ele uma relação de reciprocidade. Brusset "O vínculo fraterno e a psicanálise" (1985), nos diz que: "Ser irmãos ou irmãs é ter a mesma genealogia, a mesma herança no sentido amplo, a mesma família, os mesmos pais e pertencer

à mesma geração com uma diferença de idade variável (nula na gemealidade real ou fantasmática) e, na metade dos casos, pertencer ao mesmo sexo". Kancyper "Remorso e ressentimento no complexo fraterno" (1991), acrescenta: "O irmão é um semelhante demasiadamente semelhante (ao que Braier "A estrutura narcisista gemelar e a carência materna" estende: "sobretudo se se trata de gêmeos") e a primeira aparição do estranho na infância". Se o irmão é um semelhante cabendo-lhe um lugar, enquanto reflexo de totalidade, no processo identificatório do sujeito, como também experiência de estranheza; o gêmeo deve significar algo a mais pois é "duplamente semelhante".

Obviamente, nascemos no mesmo dia, temos o mesmo ascendente, modos semelhantes, sonhos e ambições iguais. Também as mesmas fraquezas, e nossas opiniões na maioria das vezes são bem próximas. Tudo isso é o que nos faz gêmeas – a consciência de não termos nenhuma diferença. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 76)

Nos depoimentos dos pares gemelares entrevistados pelas autoras, encontrei temas repetidos que confirmam sua importância na situação de gêmeos como um todo. Um deles é o medo da separação; tanto a separação devida a estar matriculado em escolas diferentes, ou em salas diferentes quanto, inevitavelmente, o medo da morte de um deles.

Lembro que, no primeiro dia de aula, ao entrarmos na classe, ocupamos mesma carteira, e foi difícil a professora nos convencer de que devíamos nos sentar separadas uma da outra. (Ibid., p. 85)

A relação de interdependência entre os gêmeos aponta-nos um significado defensivo

que representariam entre si. De acordo com Braier (2000,

... cada um dos gêmeos tomará o outro como duplo onipotente protetor e a sua vez se oferecerá como tal (ao outro) para permitir-lhe desmentir o sentimento de aniquilação ante a ferida narcísica que ameaça ao eu. Este duplo protetor "outorga ao ser" através da ilusão de fusão (identificação primária defensiva), enquanto que o duplo onipotente hostil "subtrai ao ser". (p. 161)

Aos três meses, também segundo soubemos, já estávamos marcadas por outra característica comum: não aceitávamos que nos colocassem num berço com outra criança. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 83)

Esta rejeição à entrada de um terceiro entre elas evidencia a fascinação especular que a experiência gemelar possibilita e o desejo de mantê-la. O par é desfeito frente ao outro enquanto terceiro vértice do triângulo que transforma uma situação linear. Representa uma separação. Os gêmeos buscam-se e atraem-se. Torna-se desagradável qualquer ameaça de quebra do vínculo especular. Nessa situação, eles poderiam reviver a angústia de desamparo e a ameaça de desorganização egóica. Na medida em que rejeitam a alteridade permanecem únicos. Para Salzberg (2000)

... se não se transcende o narcisismo não se conhece a alteridade. Quando isso ocorre em lugar do outro aparece o duplo. (...) aquele que me reflete, me distancia do desejo. Sem alteridade não há desejo. (p. 186)

Certa feita, brincando no alpendre de nossa casa, a fim de dar um susto, dei um empurrão em minha irmã, que se desequilibrou e caiu do alto de uma escada de três metros! Ao tentar se levantar, deu mostras de não ter nenhuma

sustentação nas pernas. Fiquei apavorada! Por mais que eu tentasse, não conseguia fazê-la firmar-se sobre as pernas e que não conseguia erguer o pé. Espantada diante daquilo, deitei minha irmã de bruços e pus involuntariamente a mão sobre sua espinha dorsal. Ela, então, dizia que estava sentindo um formigamento no corpo, que se concentrava nessa região. Ficamos nessa posição bastante tempo, e comecei a repetir para mim mesma e mentalmente que ela iria melhorar, iria ficar boa. E assim permanecemos, caladas as duas, inconscientemente nos energizando com grande carga positiva. Depois disso, de súbito ela se levantou, como se nada tivesse ocorrido. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 98)

A gêmealidade remete ao primitivismo narcísico, elucida o modo de funcionamento egóico dos começos, enquanto vivência do um completo e na ausência de faltas. A união sustenta e reproduz crenças de onipotência mágica e megalomaniaca do pensamento. Há uma supervalorização narcísica do sujeito, de seus próprios processos mentais, uma ênfase nos poderes do pensado e desejado. Traz de volta o animismo, dá expressão à atividade mental animista reforçando a idéia de que o desenvolvimento humano repete momentos históricos da experiência do homem enquanto espécie. Para Otto Rank (1932) "... antes de mais nada os gêmeos parecem imortais por causa de seu duplo corporal, o que, na crença dos primitivos significa que ele tinha o poder sobre a vida e a morte dos outros" (p. 96).

Numa outra ocasião, acordei vítima de enorme mal-estar, sentindo tonturas; mal conseguia me pôr de pé, sentindo ânsias. Fui ao médico. Depois de vários exames, nada foi constatado. Voltei para casa, mas continuei me sentindo terrivelmente mal. Depois, resolvi fazer uma

viagem para Uberaba a fim de me consultar de novo, preocupada com meu estado físico e ciente de que não deveria contar nada a meus pais, para não alarmá-los.

Ao chegar a Uberaba, encontrei minha irmã que estava doente – hepatite. Ora, os sintomas que eu manifestava eram idênticos aos dela. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 126)

Para Freud (1919)

... estes temas dizem respeito ao fenômeno do duplo. Assim temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para o outro desses personagens – pelo que chamaríamos de telepatia –, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu, ou substitui o seu próprio eu por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu. (p. 293)

Para Otto Rank (1932) os gêmeos carregam consigo mesmos seu duplo imortal e, suas ações heróicas só podem ser realizadas estando juntos porque "... é precisamente a gêmealidade que lhes assegura a imortalidade" (p. 97).

Depois de uma experiência em Terapia de Vidas Passadas, Aní e Iná experimentaram um tempo de perplexidades quando então: "... passamos, cada uma, a viver uma espécie de dupla personalidade, ou seja, nós nos víamos uma na outra" (p. 119).

Este duplo opera como corpo estranho no eu, borra os limites da mesmidade e da alteridade, e é, por fim, fonte de angústias confusionais e de relações narcísicas. De acordo com Salzberg (2000)

... se o estágio do espelho se converte em espelhismo não há outro lugar senão o do duplo, sem abertura ao simbólico. Para conseguir sair da captura imaginária tem que fazer uma nomeação e ascender à identificação simbólica, a que permitirá assumir separações, elaborar perdas, simbolizar presença/ausência. (...) Superar o narcisismo é romper com a completude e a onipotência, renunciar ao objeto incestuoso e simbolizar a falta. (p. 192)

Quais são os irmãos que podem viver situação como essa? A esse dois que é um?

Por sermos idênticas, fatos curiosos nos ocorriam todos os dias. Como entre nós houvesse obviamente diferenças – uma era mais estudiosa, a outra melhor nas aulas de Educação Física – resolvemos fazer um trato. Uma passaria pela outra, quando esta precisasse de notas altas ou quando a outra tivesse necessidade de mostrar melhor desempenho nos esportes. Não era muito honesto, mas revelava a malícia peculiar aos adolescentes: nenhuma de nós foi reprovada, nem no primeiro nem no segundo grau. Poder-se-ia dizer que cada uma de nós valia por duas. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 105)

Tal como Ana Maria Vinoly Beceiro (2000) em "Narcisismo e gêmealidade, uma história de amor", encaro "o dilema da gêmealidade como a existência real de uma metade que já não é ilusão, mas presença certa que acompanha e completa" (p. 174). Portanto, não pode ser confundida como uma simples irmandade, ao contrário, precisa ser elucidada naquilo que a singulariza, naquilo que faz da experiência de ser gêmeo a oportunidade vivencial de situações específicas: paradigma de fenômenos ligados à aquisição do sentimento de identidade.

Este artigo é a apresentação inicial dos meus estudos sobre a questão gemelar, onde apre-

sento os pressupostos fundantes de uma pesquisa em andamento sobre este tema.

Na adolescência, julgamos fundamental acrescentar à imagem de cada uma diferença que nos atestasse a individualidade. Mas foi aí que notamos que nossa maior semelhança era oculta. (Bittencourt & Bittencourt, 1999, p. 123)

REFERÊNCIAS

BECEIRO, A. Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor. In: BRAIER, Eduardo et al. *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 171-83.

BELMONT, N. Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité. *Topique Revue Freudienne*, Montrouge Cedex, Édition Dunod Revue, n. 50, p. 185-203, 1992.

BERNOS, A. A propos du fantasme de gémellité: le jumeau mort. *Topique Revue Freudienne*, Montrouge Cedex, Édition Dunod Revue, n. 51, p. 63-9, 1993.

BITTENCOURT, Aní & BITTENCOURT, Iná. *Gêmeos, semelhança oculta*. Uberaba: Editora Vitória, 1999.

BRAIER, Eduardo et al. *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BRAIER, E. Los cuatro puntos cardinales: gêmealidad-complejo fraterno-narcisismo-dobles. In: BRAIER, Eduardo et al. *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 19-41.

BRUSSET, B. El vinculo fraterno y el psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. XLIV, n. 2, p. 313-323, 1987.

FREUD, Sigmund (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.

_____. (1919). O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.

KANCYPER, L. Complejo fraterno y complejo de Édipo. In: BRAIER, Eduardo et al. *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 43-59.

PIONTELLI, A. Recherche sur les jumeaux avant et après la naissance. *Topique Revue Freudienne*, Montrouge Cedex, Édition Dunod Revue, n. 51, p. 89-111, 1993.

RANK, O. *Don Juan et le double*. Paris: Payot, 1932.

SALZBERG, B. Los espejos vivientes. In: BRAIER, Eduardo et al. *Gemelos narcisismo y dobles*.

Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 185-200.

SOURZAT, Marie-Christine. Le motif du jumeau. *Topique Revue Freudienne*, Montrouge Cedex, Édition Dunod Revue, n. 51, p. 43-62, 1993.

VALABREGA, J. Le motif du jumeau: identité-alterité. *Topique Revue Freudienne*, Montrouge Cedex, Édition Dunod Revue, n. 50, p. 181-3, 1992.

Artigo recebido em setembro de 2005

Aprovado para publicação em março de 2006



CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

Inscrições abertas para:

SEMINÁRIO TEÓRICO – GRUPO DE SÁBADO
FENÔMENOS TRANSICIONAIS E O ACESSO À REALIDADE

Docente: Elisa Maria de Ulhoa Cintra

Início: sábado, 8/4/06

Duração: 7 aulas de 2 horas e meia cada

Horário: das 9h30 às 12h

SEMINÁRIO TEÓRICO – GRUPO DE 4ª FEIRA
INTRODUÇÃO À CLÍNICA DAS PSICOSES

Docente: Andréa Carvalho M. de Almeida

Início: 4ª feira, 26/4/06

Duração: 9 aulas de 2 horas cada

Horário: das 20h às 22h

SEMINÁRIO TEÓRICO – GRUPO DE 5ª FEIRA
CLÍNICA CARTOGRÁFICA

Docente: Antonio Lancetti

Início: 5ª feira, 27/4/06

Duração: 9 aulas de 2 horas cada

Horário: 15h30 às 17h30

SEMINÁRIO TEÓRICO – GRUPO DE 6ª FEIRA
CLÍNICA LACANIANA

Docente: Domingos Paulo Infante

Início: 6ª feira, 28/4/06

Duração: 9 aulas de 2 horas cada

Horário: 15h30 às 17h30

REUNIÃO TEMÁTICA

ANGÚSTIA DO ABISMO

Docente: Leopold Nosek

Data: 6ª feira, 7/4/06

Horário: das 19h às 21h

CURSO BREVE

CLÍNICA DE ONTEM, CLÍNICA DE HOJE

Docente: Renato Mezan

Data: sábado, 6/5/06

horários: 9h30 às 12h30 e 14h às 17h

EVENTO

CONFIANÇA. A EXPERIÊNCIA DE 'CONFIAR' NO PLANO DA CULTURA E NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Docente: Luis Cláudio Figueiredo

Data: sábado, 27/5/06

Horário: 9h às 12h

Informações e inscrições:

pelos telefones: (11) 3864-2330
3865-0017 ou

www.centropsicanalise.com.br

cep@centropsicanalise.com.br

Rua Alm. Pereira Guimarães, 378 –

Pacaembu

São Paulo, SP